



Mundo Verne

La vida y obra de Jules Verne desde la óptica Iberoamericana

3

Janeiro
Fevereiro
2008

ISSN: 1996-7454

180 razões para continuar verneando

*30000 léguas
de viagem
sem cor*

*Por terras
alemãs*

*Mistério na
Transilvânia*



O novo ano, novos desafios e os 180 anos do mestre...

Ariel Pérez

Chega o terceiro número da revista, e com ele a sua entrada na base de dados do registo de publicações seriadas mundiais, com os seus escritórios principais em Paris (que casualidade, a terra do homem a que se dedicam estas páginas!). É importante esclarecer que se quis atrasar o processo do lançamento da revista (originalmente deveria ter sido nos primeiros dias de Janeiro), afim de deixar a sua publicação o mais perto possível de 8 de Fevereiro, dia em que completarão os 180 anos do nascimento do escritor das **Viagens Extraordinárias**.

Nesse número analisa-se, num artigo, as razões que, a juízo do redactor, convergem, para que Verne e a sua obra perdurem até hoje depois de tantos anos e seja lido universalmente, sendo o terceiro escritor mais traduzido em todo o mundo.

Quero agradecer aos dois novos colaboradores neste número: Brian Taves e Bernhard Krauth. O primeiro comprometeu-se, pelo menos, foi o que me fez saber, que posso contar com ele para que se encarregue da secção de cinema, e quem melhor poderia ser do que Taves, especialista no assunto e que escreveu um livro sobre o tema das versões cinematográficas das obras de Verne. O segundo, Bernhard, da Alemanha, uma excelente pessoa que colabo-

rou enviando-me um texto sobre a relação do escritor com o seu país natal, e espero que não tenha sido a sua última colaboração. Em suma, são sete os colaboradores das três primeiras edições, e creio que é uma cifra interessante.

Não posso deixar passar que no final de Fevereiro irá ser inaugurado no site de Zvi Har'El uma nova opção para os vernianos em todo o mundo. Trata-se de uma revista electrónica sobre o escritor, que qualquer um poderá colaborar enviando artigos que serão analisados por um comité editorial de luxo, onde estarão vários dos mais importantes estudiosos vernianos do planeta. Esta opção constituirá um valioso repositório de informação para os amantes do tema. Longa vida para a **Verniana!**

Como parte desta edição especial de princípio de ano, o artigo de William Butcher sobre os manuscritos de Hatteras será publicado separadamente na sua forma completa com as imagens originais e estará disponível para leitura desde o site em que esta revista foi publicada.

Nós, os editores, desejamos a todos os leitores da **Mundo Verne**, um próspero ano novo, com novos êxitos no plano profissional e pessoal, muita saúde e, sobretudo, o desejo e a vontade de se continuar verneando, por mais 180 ●

A opinião do editor

© 2008. Mundo Verne.

Revista bimensal em castelhano e português sobre a vida e obra de Jules Verne.

Edição e desenho: Ariel Pérez.

Comité editorial: Ariel Pérez, Cristian A. Tello e Yaikel Águila.

Tradução portuguesa: Frederico Jácome e Carlos Patricio. Distribuição gratuita.

Correio electrónico: arielpr@gmail.com.

Internet: <http://jgverne.cmact.com/Misc/Revista.htm>

Reprodução gratuita permitida se se citar a fonte.

Neste número

3 *Universo verniano*



A imagem... e semelhança

4

Uma viagem ao extraordinário

5 Mistério na Transilvânia

À volta do mundo

8 Por terras alemãs

Terra Verne

10

As verdadeiras aventuras do capitão Hatteras (2)

Especial

180 razões para continuar verneando

14

No grande ecrã



30000 léguas de viagem sem cor

18

Sem publicação prévia

Pierre-Jean. Capítulo 3

20

Cartas gaulesas

22

Faleceram dois vernianos

O ano 2007 não traz apenas a má notícia da morte de Jean Chesneaux, escritor de livros de estudo sobre Jules, e de Stanford Luce. Antes de terminar o ano, outros dois famosos vernianos faleceram: Robert Pourvoyeur e Julien Gracq.

Pourvoyeur nasceu em Bruxelas, era doutorado em Direito, licenciado em Ciências Económicas e ensinava Economia e Direito Internacional na Universidade de Anvers. Era vice-presidente da Sociedade Jules Verne com sede em Paris e publicou numerosos artigos sobre o escritor, principalmente os relativos ao teatro. Foi o especialista que mais dominava este assunto de entre os manuscritos de Verne.

Gracq, falecido aos 97 anos, por sua vez, foi um escritor que venerou Jules Verne e começou a lê-lo desde que tinha seis anos, segundo confessou a Jean Paul Dekiss há uns anos antes numa entrevista na *Revue Jules Verne*. Considerava as *Aventuras do capitão Hatteras* como uma obra-mestra. "Houve um Jules Verne. Venero-o um pouco filialmente. Não apoio os que dizem mal dele", disse uma vez o próprio Gracq.

Viagem em 3D

Journey 3D é um remake cinematográfico (em três dimensões) de Viagem ao Centro da Terra. Um filme realizado por Eric Brevig, que tem como actores Brendan Frasier, Anita Brian e a nova atracção dos jovens cinéfilos: Josh Hutcherson. A sua estreia deverá ser em 11 de Julho nos Estados Unidos e provavelmente um mês mais tarde na Europa.

Selo sobre a visita a Portugal em circulação

O selo que o nosso amigo e estreito colaborador Frederico Jácome elaborou, foi posto em circulação. Comemora o 130º aniversário da visita do autor das Viagens Extraordinárias a Portugal. Recorde-se que na edição passada da revista, Fred escreveu, no seu artigo, sobre a possibilidade da edição oficial por parte dos correios do seu país.

Lamentavelmente, a tirada foi limitada. Muito obrigado Fred por pensar na sua terra natal, e em Verne e por fazer com que o escritor seja conhecido e divulgado em território lusitano.

Nova revista on line

Neste 8 de Fevereiro, como parte das celebrações pelo 180º aniversário do nascimento de Jules Verne, surgirá a Verniana, uma nova revista de acesso livre on-line, que estará albergada no site de Zvi Har'El. Os autores que queiram enviar artigos podem fazê-lo livremente. O regulamento estipula que os idiomas oficiais da publicação sejam o francês e o inglês. No caso de um artigo estar noutra idioma, o texto será enviado a especialistas vernianos, para que se possa traduzir o conteúdo.

Os artigos serão analisados por oito especialistas que incluem Jean-Michel Margot, Volker Dehs, William Butcher, Daniel Compère, Arthur Bruce Evans, Terry A. Harpold, Garnt de Vries e Walter James Miller. O próprio Zvi será o editor da revista que terá a peculiaridade de publicar os volumes anualmente. Os artigos serão agregados ao volume à medida que estiverem prontos e no final do ano colocar-se-ão à disposição dos leitores num arquivo PDF para fácil leitura e download. A revista está colocada num sistema denominado Open Journal Systems (OJS) e distribui-se livremente pela licença GNU

Colaboraram neste número

William Butcher

wbutcher@netvigator.com
http://home.netvigator.com/~wbutcher/

Já escreveu uns quarenta artigos sobre Verne, a maioria em francês. Publicou, em 2006, "Jules Verne: The definitive biography" que recebeu críticas muito favoráveis. Já colaborou com Michael Crichton para vender 50 000 exemplares por ano.



Cristian Tello

destro777@hotmail.com
http://www.geocities.com/paginaverniana/ctd.htm

Engenheiro peruano, mantém um site sobre Jules Verne desde 2004. É um dos vernianos mais activos na América-latina. Já escreveu artigos e traduziu vários textos do escritor francês.



Brian Taves

btav@loc.gov

Doutor em "Estudos de cinema e História Americana". Trabalha como arquivador de filmes na Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos. Foi co-autor de "The Jules Verne Encyclopedia" (Scarecrow, 1996).



Bernhard Krauth

bgykrauth@t-online.de
http://www.bernhard-krauth.de

Presidente da Sociedade Jules Verne na Alemanha. Segundo a influência de Verne, navegou durante 14 anos em barcos mercantes e hoje continua no negócio como piloto de porto. Edita a revista "Nautilus" da sociedade alemã.





Como se tivesse atado algum laço invisível à cantora, seguia-a em todas as representações que o entusiasmo do público transformava em verdadeiros triunfos.



Por fim estava naquele castelo em que Rodolfo de Gortz retinha Stilla, e sacrificaria a sua vida para chegar até ela.

Juntando a ciência e a fantasia, a narração de **O Castelo dos Cárpatos** “não é fantástica, mas sim romanesca”, diz Verne no início do seu relato. Nesta história reúnem-se todos os elementos de uma aventura fantástica, onde a ignorância e a credulidade dos habitantes de Werst na Transilvânia, permitem ao barão de Gortz e ao seu fiel e científico Orfanik, planejar, no castelo, um bem montado mistério.

Mas o enigmático barão, dono de uma fortaleza supostamente encantada, encontrará no jovem conde Franz de Télek, não só um rival de amores, mas também um ousado intruso disposto a desbaratar as velhas lendas em torno do seu arruinado feudo. Assim, a aventura de Télek e o seu criado Rotzko, converte-se numa viagem iniciática, pois o conde, enlouquecido depois da morte da Stilla, deverá superar uma série de provas obscuras e antigas para descobrir a verdade no meio de um lugar estranho.

Afectado pela prematura morte dos seus pais, o conde decide viajar por diversas cidades de Itália, afim de aliviar a sua dor. É em Nápoles que fica deslumbrado pela beleza da cantora Stilla numa das suas visitas ao teatro San Carlo. A repentina morte da artista envolve-o numa depressão ainda maior, que o leva

quase à loucura. Este acontecimento e o abandono da sua casa, posteriormente à morte dos seus pais, têm laços estreitos que se repetem no conde como ecos, com tons e alturas diferentes, ou como reflexos. Télek não pode recuperar Stilla do lugar sombrio em que está; para ele apenas representa uma imagem da noite que subsiste no labirinto do pensamento, do desejo e da lamentação.

Dada a singularidade da personagem, alguns estudiosos pensam que o autor se inspirou em histórias mitológicas da antiga Grécia para chamar “Télek” ao seu protagonista. Marc Soriano assegura que este nome deriva de Telêmaco, filho de Ulisses e protótipo de jovem iniciado. Lionel Dupuy, outro especialista, propõe que Télek representa em forma cifrada Teseo, o herói que vence o temível Minotauro do labirinto de Creta construído por Dédalo. Por isso, crê na possibilidade de existir na obra o paralelismo: labirinto-castelo, Minotauro-barão de Gortz, Ariadne-Stilla e Dédalo-Orfanik. Teorias sugestivas que intentam determinar o perfil do conde, a quem poderíamos resumir como o homem decidido a ressuscitar e manter viva a memória da sua amada Stilla, ao preço da sua sanidade ●

Mistério na Transilvânia

Cristian A. Tello

U
m
a
v
i
a
g
e
m
a
o
e
x
t
r
a
o
r
d
i
n
á
r
i
o

A presumida amante de Verne

Em *O Castelo dos Cárpatos*, vemos um Verne interessado em recuperar o seu apogeu de anos anteriores, pois ainda que as suas obras apareçam sucessivamente, a crítica mostra-se indiferente e silenciosa. Em 1889, o autor afirmava que o livro já estava pronto, mas aquela obra peculiar, tão diferente dos restos dos seus relatos, não coube na *Magasin* até Janeiro de 1892. “Devolvo-lhe os originais dos Cárpatos”, anuncia-lhe o seu editor em Março desse ano, ao mesmo tempo que lhe diz que as leu minuciosamente. “Parece-me que não há nada nelas que os leitores da *Magasin* possam ter estranhar e fui o mais reservado e comedido possível em torno da relação do protagonista e da cantora”.

É compreensível que o filho de Hetzel tenha ficado perturbado com o tom e o argumento e que daí resultassem riscos comerciais, porém o próprio autor responde-lhe numa carta: *“Aflige-me ver que em todos os jornais fala-se de livros sem qualquer interesse, apesar de usarem poucas linhas, e do que nós publicamos, nada... O público não quer os livros com que eu contava, Bombarnac, Cárpatos. É para desanimar. É certo que não se pode estar sempre em voga, eu sei. Digo-lhe, estou desanimado e, portanto, não terminei a obra da minha vida, não acabei de pintar a Terra”*.

Quem sabe se a pouca aceitação da obra, se deveu ao inusual tema abordado pelo autor. Não era comum em Verne criar um argumento baseado em temas como a imortalidade, e por isso se atribui a elaboração da obra à sua crise de melancolia daqueles anos. Esta vontade de esconder a sua interioridade, reflecte-se num seu relato, quando

diz: “Há feridas que só terminam com a morte”.

Uma destas “feridas” não cicatrizadas no escritor, segundo alguns dos seus biógrafos, foi originada pela morte em Dezembro de 1865, de uma suposta amante de vinte anos. Estelle Hénin, esposa de um notário de nome Duchesne, e oriunda de Asnières, é a dama que poderia ter inspirado na sedutora personagem de Stilla (é de notar a extrema similaridade de ambos os nomes), que também morreu em plena juventude. Esta é a protagonista ausente do livro e uma das personagens mais enigmáticas e atraentes de toda a sua obra.

Estes estudiosos pensam que Verne precipitou a mudança da sua família de Paris para Le Crotoy, na baía do Somme, em 1865, com a única intenção de permanecer junto a Estelle durante a sua agonia. A proximidade à capital, a uma hora de comboio (trem), permitia ao escritor fazer rápidas viagens de ida e volta que nem sempre faziam feliz a sua esposa, e com justa razão, pois com o pretexto de que necessitava visitar Hetzel, se reunia com a suposta amante com quem tinha uma apaixonada relação secreta. A morte de Estelle Duchesne d’Asnières produziu em Verne uma depressão da qual nunca se recuperaria. Daí o paralelismo entre o autor e a sua personagem, ao não reconhecer ambos a morte da sua amada.

Na actualidade, o nome de Estelle recuperou força no mundo verniano e em 2006, o Boletim da Sociedade Jules Verne publicou uma investigação, na qual revela que uns meses antes da sua morte, Estelle deu à luz uma filha chamada Marie, que vinte anos depois se casaria, em 1886.



Provável retrato de Estelle Hénin, mulher que tinha inspirado Verne para a personagem de Stilla. Impressão original de uma foto de 1873 de Félix Tournachon, “Nadar”

Esta descoberta iniciou um novo debate sobre a paternidade de Marie, pois como é de se supor, há muitos que indicam Verne como o pai da jovem.

Características e estrutura da obra.

O Castelo dos Cárpatos foi publicada em fascículos na *Magasin d’Education et de Récréation*, de 1 de Janeiro a 15 de Dezembro de 1892, apesar de ter sido escrito três anos antes, em 1889. É uma das obras menos conhecidas do autor, pois trata-se de uma obra fantástica e romântica, saindo da sua conhecida temática científica. Baseada em assuntos como as lendas, superstições, encantamentos e bruxarias, alguns críticos catalogaram-na como uma das melhores e mais românticas histórias “vampíricas” da Literatura.

A obra divide-se em duas partes sensivelmente parecidas; no decorrer dos sete primeiros capítulos descreve-se rapidamente a vida

corrente da aldeia de Werst antes de começar com a narração da ousada tentativa de Nic Deck e do Dr. Patak para penetrar no castelo dos Cárpatos. A partir do oitavo capítulo, um novo herói, Franz de Télek, acompanhado com o seu criado Rotzko renova a aventura de Nic e propõe-se a investigar os estranhos fenómenos que ocorrem na fortificação para compreender o seu verdadeiro carácter e reduzi-los à realidade científica.

A segunda parte do livro parece ser apenas a repetição da primeira mas com um nível de realidade diferente. Sem dúvida, que a detalhada explicação tecnológica faz o autor possivelmente perder o feitiço da obra, porém o seu objectivo era adaptar o conto gótico para convertê-lo numa história apropriada para mentes simples das famílias que liam a publicação de Hetzel. Mas nas mãos de Verne, até o sobrenatural pode inspirar modelos futuros. Esta obra tinha sido a mais inverosímil que tinha criado. O senhor do castelo está apaixonado por um fantasma, uma cantora de ópera, muito bela em vida, e inesquecível na morte. A diferença dos contos de mistério do seu admirado Poe, é que Verne dá ao seu relato uma surpreendente volta, numa solução baseada na ciência e não no sobrenatural. A fantasmagórica cantora é apenas um holograma criado por uma máquina a partir do seu retrato, e a sua voz, um disco obtido mediante gravações fonográficas. Dadas estas características, pode-se afirmar que **O Castelo dos Cárpatos** previsse o primeiro filme com uma década de antecipação e o primeiro filme sonoro com quarenta anos.

Verne através das suas obras não só resumia as maravilhas da vida moderna da sua época, como também a sua própria, e é nesta obra de dezoto capítulos (sem títulos), que vem a pergunta: Pode a tecnologia resolver o problema da morte? É evidente que se trata de uma ilusão, mas o es-

critor joga com a ideia de que a ciência pode devolver os entes queridos já mortos.

O argumento

O Castelo dos Cárpatos começa no teatro da ópera de San Carlo de Nápoles, onde Stilla, uma bela e extraordinária cantora, aclamada pelo público e elogiada pela crítica, está a actuar pela última vez. Na obra, a deslumbrante Stilla conta com dois apaixonados admiradores. Um deles, o poderoso Rodolfo de Gortz, um enigmático e assíduo espectador às suas actuações, com meios suficientes para seguir a artista por todo o mundo, a sua única paixão, e que se acompanha do não menos misterioso Orfanik, um inventor zarolho e macilento que vive à custa do seu amo. O outro, Franz de Télek, um jovem conde proveniente da Roménia, que numa viagem por Nápoles se enamora profundamente por Stilla e lhe pede a sua mão em casamento.

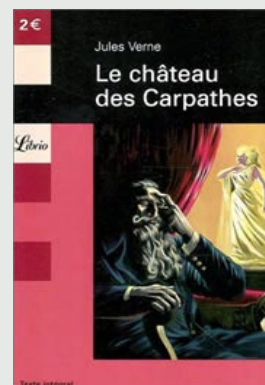
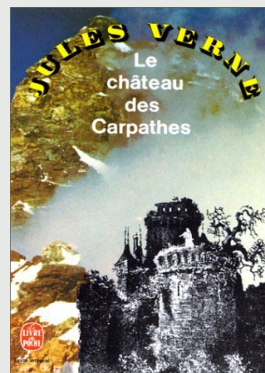
Assediada e atormentada pela perseguição do barão de Gortz, Stilla decide abandonar o palco no auge da sua carreira, e aceita, por sua vez, ser condessa de Télek. O rumor da sua saída dos palcos espalha-se rapidamente e a notícia provoca ciúme e ódio ao conde, que chega a receber ameaças das quais não dá importância. No entanto, o deprimido barão de Gortz assiste ao último espectáculo da ópera *O Orlando*, onde Stilla interpretará o papel de Angélica. No último acto, a cantora aterrorizada reconhece novamente o barão fora do

palco, e enquanto entoa a ária final, cai e morre em cena.

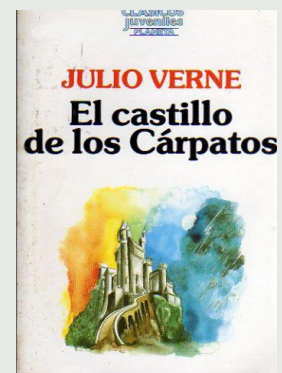
A história prossegue na distante Transilvânia, terra de bruxarias e vampiros, onde o castelo dos Cárpatos se localiza no alto planalto de Orgall. Esta fortaleza em ruínas, rodeada de sombrios mistérios segundo a viva e ardente imaginação da população da aldeia de Werst, é visitada por espíritos de outro mundo, os fantasmas dos antigos moradores, os senhores de Gortz. Apenas uns meses depois da morte de Stilla, os habitantes do local falam de fumaça, imagens e de uma voz prodigiosa que surge do castelo supostamente abandonado. Depois de numerosas discussões, os habitantes decidem desvendar o mistério. Assim, Nic Deck, um jovem guarda-florestal, e o doutor Patak, tentarão fazer a proeza de entrar no castelo, porém voltam atemorizados à aldeia depois da sua frustrada aventura.

O conde de Télek recupera-se na

Capas de edições francesas



Capas de edições castelhanas



sua pátria e parte de viagem turística pelos arredores das suas posses, junto com o seu fiel criado Rotzko. Após percorrer toda a região, Transilvânia, recolhendo informações sobre o barão de Gortz, e presumidamente desaparecido havia algum tempo, o conde aproxima-se do castelo, e ali, assombrado, aparece-lhe Stilla com o seu traje de Angélica, cantando O Orlando.

Transtornado com a visão, seguro de que a sua amada tinha ressuscitado graças às artes do seu inimigo, crendo no seu poder, Franz sobe ao castelo essa mesma noite e fica per-

Os personagens da obra

- Stilla, 25 anos. Cantora por quem rivalizaram Franz de Télek e o barão de Gortz.
- Franz de Télek, 27 anos. Conde de Krajowa, estado de Roménia.
- Rotzko. Soldado romano de 40 anos ao serviço de Franz de Télek.
- Rodolfo de Gortz, 55 anos. Barão e proprietário do castelo dos Cárpatos.
- Orfanik. Inventor zanolho e macilento ao serviço do Barão de Gortz.
- Nic Deck, 25 anos. Guarda-florestal.
- Patak, 45 anos. Pequeno e gordo médico da povoação.
- Koltz, 55 anos. Juiz da aldeia de Werst.
- Miriota, 20 anos. Filha de Koltz e noiva de Nic Deck.
- Jonás, 60 anos. Proprietário judeu da taberna da povoação.
- Hermod, 50 anos. Mestre da escola da aldeia. Crente e divulgador das antigas lendas da Transilvânia para os meninos.
- Frik. Velho comerciante-viajante judeu de bugigangas.



plexo quando a ponte do castelo é fechada antes que ele pudesse voltar à povoação.

Convencido de que a magia de Gortz tinha mantido o espírito de Stilla prisioneiro no castelo, Télek escapa do seu esconderijo e dirige-se às dependências

particulares do Barão. Ali encontra-o, imóvel, sentado com uma caixa nas suas mãos. Quando o ataca, a voz e a imagem de Stilla inundam a sala e Gortz acorda, enquanto que o conde cai, repetindo que a sua amada está viva. O barão agarra numa faca e ataca a imagem de Stilla, que se parte em mil pedaços de cristal, proclamando que a voz da bela artista é apenas sua

Bibliografía

- Herbert Lottman. Jules Verne. Editorial Anagrama, Barcelona, 1998.
- Jean Roudant. Verne: un revolucionario subterráneo. El castillo de los Cárpatos. Editorial Paidós, Buenos Aires, 1968.
- Revista Selecciones. Julio Verne. El inventor del futuro. Junho, 2005.
- Volker Dehs. *L'historique d'Estelle*. Fórum Jules. Verne de Frédéric Viron. Junho, 2007
- Wikipédia. El castillo de los Cárpatos. http://es.wikipedia.org/wiki/El_castillo_de_los_C%C3%A1rpatos

Ilustrações da obra "O castelo dos Cárpatos". À esquerda, em cima, Nic Deck trata de entrar no castelo. Em baixo, à direita, o momento em que Franz de Télek cai perplexo em frente à imagem de Stilla.



Para os melhores estudiosos alemães de Verne constitui uma prioridade, desde há muito tempo, conhecer qual a data em que o autor francês fez a sua entrada na literatura do país.

A maioria deles pensa que a primeira tradução ou publicação deve ter sido feita por Hartleben – uma editora de Viena –, devido à sua colecção de Verne ser a mais completa e conhecida. Hartleben começou, em 1874, a publicar o escritor. Porém, descobriu-se que em 1866 o *Ungarischer Lloyd* e o *Pester Lloyd*, jornais húngaros que publicavam nessa época em alemão, traduziram e imprimiram algumas obras de Jules.

A pesquisa continuou e descobriu-se uma tradução alemã de **Cinco semanas em balão** numa revista de 1863, de maneira que estamos a falar do mesmo ano em que se publicou o original. Nenhuma data anterior a esta pode ser possível.

Contudo, por determinadas circunstâncias – não me perguntem como – descobriu-se, em língua alemã, um texto do autor francês anterior a esse ano e que estava disponível desde há alguns anos.

Tratava-se de uma pequena revista que publicou, em 1857, um texto anónimo titulado *Die Lianenbrücke*. Trata-se, nem mais, nem menos, do primeiro capítulo e argumento básico do conto **Um Drama no México**, publicado em *Musée des familles* em 1851.

As obras de Jules Verne converteram-se num grande êxito na Alemanha e foi assim que o seu nome foi “renomeado” Julius Verne. Um grande número de alemães pensou que o escritor era um novelista lo-

Por terras alemãs

— Bernhard Krauth —

cal. Este êxito perdurou até à época da Primeira Guerra Mundial, ocorrendo, logo depois um silêncio que durou vários anos. A ressurreição deu-se quando os filmes e as séries de televisão chegaram ao cinema, e isto ocorreu à volta da década de sessenta do passado século. Passo a passo novas publicações, escritas por ele ou acerca da sua vida e obra, viram a luz. Aparecem também algumas novas traduções que chegaram nos anos sessenta e setenta, incluindo –em 1894– a reimpressão

mas com informações precisas, que passou a ser desde esse momento, a primeira escrita em língua alemã (este livro foi impresso vinte anos depois em espanhol, pela editora EDAF, com tradução de A. V. Martín).

Em 2005, o próprio Volker regressou com uma volumosa biografia, da maior qualidade que tem sido considerada como uma das melhores que já se escreveu. Uma tradução para o espanhol ou outra língua, constituiria, em qualquer

Die Seiten 2,6,7,9 wurden ausgelassen da von keiner längerfristigen Bedeutung.



Capa de um dos números do “Nautilus”, boletim da Sociedade Jules Verne na Alemanha.

de todas as realizadas anteriormente por Hartleben.

Algumas novas biografias foram publicadas nos finais dos anos 70 (quão más devem ter sido) e finalmente, na época do centenário da morte de Verne, faz agora três anos, outro avanço trouxe novos livros ao mercado.

Desde os meados da década de 80, está activo Volker Dehs, um dos mais conhecidos estudiosos de Verne no mundo. Publicou uma primeira biografia em 1986, pequena

caso, uma vantagem para ampliar o conhecimento sobre ele em todo o mundo.

Da série das **Viagens Extraordinárias** todas as suas obras foram traduzidas para alemão com a excepção de **O Caminho de França**. Não existem razões para justificar o facto de que o público alemão não ter lido esse texto. Diz-se que a obra contém muitos maus comentários contra os alemães (Jules Verne não era, precisamente, como a maioria dos franceses da sua época, um



*Página de início do web site da Sociedade Jules Verne germânica.
Contém informação em vários idiomas, entre eles espanhol.*

amigo da Alemanha). Não obstante, ao ler **Os 500 milhões da Begum** ou **Cláudio Bombarnac** (ambas foram traduzidas imediatamente) estes argumentos parecem sê-lo sem qualquer explicação.

A segunda obra que permanece sem tradução, até hoje, é **O Naufrago do Cynthia**, provavelmente devido a este não pertencer à série.

Pode-se afirmar, portanto, que se traduziram apenas as publicações de Hetzel, excepto alguns poucos textos que apareceram nos últimos anos como a versão de **A Caça ao Meteoro**, **Paris no século XX**, **O Tio Robinson** e contos que foram publicados (muitos deles) pela Sociedade alemã.

Em resumo, Verne ainda é conhecido hoje na terra germânica, mas com o passar do tempo, mais devido aos filmes que se fizeram baseados nas suas obras do que pelos próprios livros.

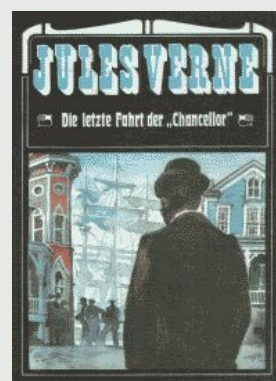
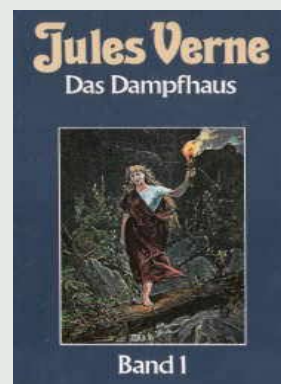
A Sociedade Jules Verne, fundada alguns anos atrás, "reactivou-se" em 2005, tem-me como presidente e pode considerar-se como a representação alemã on-line e nas publicações impressas. No nosso jornal, o *Nautilus*, que sai duas vezes ao ano, escreve-se sobre actualidades e eventos, novas

publicações ou factos, imprimem-se novas traduções ou reimprimem-se as viagens que não foram publicadas durante muito tempo, culminam-se resultados de investigação (como por exemplo, o meu trabalho pessoal sobre as ilustrações de Hetzel, também disponível on-line), e discute-se sobre a obra do autor. Trato de assistir a entrevistas em programas dos meios de comunicação, de ser informativo com os nossos membros e com qualquer outra pessoa interessada. O site da Sociedade é multilingue e algumas partes podem ser lidas em espanhol.

Pode-se concluir que não existe, no nosso país, um interesse tão profundo sobre Verne e a sua vida. É do interesse geral em muitos aspectos conhecidos como as invenções da Ficção-Científica ou algum interesse mais ou menos regional noutra forma, mas o detalhe e a investigação profunda parece não existir no nosso número reduzido de membros. Os tempos mudaram, a vida é mais rápida e pouco a pouco menos pessoas procuram a informação específica devido à grande quantidade de informação que flui hoje em dia

Publicações alemãs

Cinco semanas em balão
A casa a vapor
Aventuras do capitão Hatteras
A galera "Chancellor"



As verdadeiras aventuras do capitão Hatteras (2)

William Butler

Terra Verne

O duelo flutuante

O capítulo seguinte, *Les approches du pôle Nord* (II XXII), também inédito, ainda é na sua maioria, ainda é mais surpreendente. No rascunho, em ocasiões torpes mas apaixonantes, apresenta-se a cena mais crítica da obra, em que se abordam definitivamente os mistérios centrais: as pretensões americana e britânica, o destino de Hatteras e Altamont, de suas vidas e da posse do continente boreal.

É importante citá-las completamente:

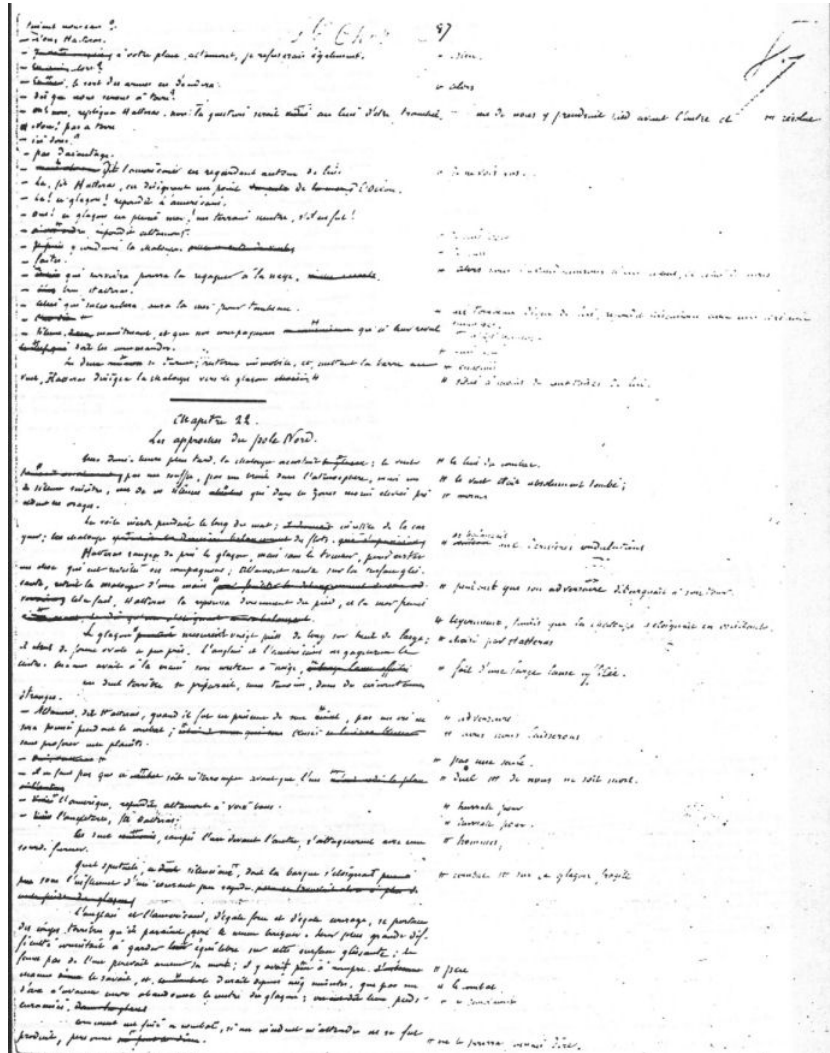
Uma meia hora mais tarde, a chalupa aproximava-se do local do combate. Não havia vento, nem uma brisa, nem um ruído na atmosfera, mas sim um [desses] silêncios sinistros, um desses em que nas zonas menos elevadas precedem as tempestades.

A vela inerte estava pendurada no mastro. Era inútil abri-la. A chalupa balanceava-se com as últimas ondulações do mar.

Hatteras aportou perto do iceberg, mas sem tocá-lo, para evitar um choque que pudesse despertar os seus companheiros. Altamont saltou para a escorregadia superfície, aguentou a chalupa com uma mão enquanto que o seu adversário desembarcava. Logo depois, Hatteras empurrou-a com suavidade com o pé e o mar estremeceu ligeiramente, enquanto que a chalupa se deixava oscilar.

O bloco de gelo seleccionado por Hatteras media vinte pés de comprimento por oito de largura e era, mais ou menos, de forma oval. O inglês e o americano chegaram ao centro. [Cada um] tinha em sua mão a sua faca, feita de uma larga lâmina afiada, para limpar a neve. Preparava-se um duelo terrível, sem testemunhas e em estranhas circunstâncias.

— Altamont –disse Hatteras, quando estava na presença do seu adversário, -não se emitirá nenhum



Os preparativos do duelo

grito enquanto durar o combate. Pereceremos sem proferir qualquer som.

— Nem um.

— É importante que o duelo não seja interrompido até que um de nós esteja morto.

— Hurra! Pelos Estados Unidos -respondeu Altamont em voz baixa.

— Hurra! Pela Inglaterra -disse Hatteras.

Estes dois homens, bem colocados um à frente do outro, atacaram-se com uma raiva silenciosa.

Que espectáculo esse combate silencioso sobre esse frágil iceberg de onde o barco se afastava pela influência de uma corrente pouco

rápida!

O inglês e o americano, de igual força e coragem, trocaram terríveis golpes que terminavam com a mesma felicidade. As suas maiores dificuldades consistiam em manter o equilíbrio sobre esta superfície escorregadia. Um falso passo de um podia levá-lo à sua morte, não se podia falhar. Ambos o sabiam. O combate já durava cinco minutos e nenhum deles tinha abandonado o centro do iceberg. Os seus pés haviam criado [raízes].

Nada se podia dizer de como poderia terminar este combate pois não tinha ocorrido nenhum incidente inesperado.

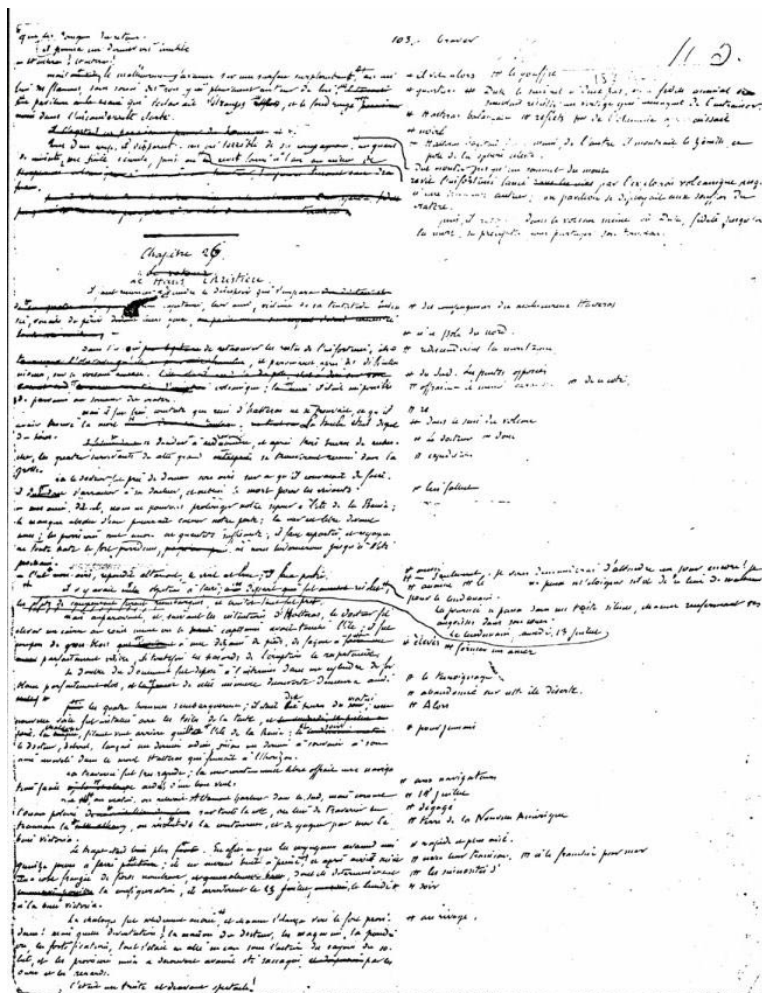
Desde que os dois combatentes haviam chegado ao iceberg, um atento observador teria podido ver o afundamento gradual que se produzia de baixo dos seus pés. Pelo calor relativo que o mar oferecia à superfície, o exterior do bloco de gelo cedia pouco a pouco. Hatteras e Altamont não se tinham dado conta, mas o mar molhou os seus tornozelos e ao fim de dois minutos, tinham água até aos joelhos. [A] luta continuava e apesar de sentirem que os seus pés perdiam o ponto de apoio, prosseguiram sendo atingidos por furiosos golpes. Nem um nem outro queriam desistir. Em pouco tempo, as águas avançaram até metade do corpo, e logo depois os seus corpos desapareceram mas ainda assim batalhavam. Por fim, o mar engoliu-os. As suas cabeças apareceram, por um instante, por cima da água. Logo desapareceram sem terem emitido uma só exclamação, mas pela agitação do mar por encima de sus cabeças, podia-se perceber que ainda combatiam. Todavia, a chalupa, abandonada à sua sorte, [afastava-se] do lugar do combate e golpeou, por uma casualidade providencial, num desses blocos de gelo dispersados sobre a superfície polar. Johnson abriu os olhos, despertado pelo choque. As suas primeiras palavras foram: — O capitão! Altamont! Ao ouvi-lo, o doutor e Bell levantaram-se e compreenderam a situação. O doutor, alcançou com a luneta a extensão líquida e reparou num ponto onde a água deslumbrante girava em largos círculos concêntricos como à volta de um objecto evidentemente [precipitado]. — Ali — disse Os remos, rapidamente activados, fizeram voltar a chalupa até ao lugar indicado e no momento em que o inglês e o americano ainda combatiam quase sufocados pela superfície do mar, os seus companheiros agarraram-nos com força e subiram-nos a bordo. — Ah! Desgraçado! Desgraçado! — gritou o doutor. E algumas lágrimas vieram aos seus olhos. Hatteras e Altamont, separa-

dos um do outro, lançaram olhares de ódio. O doutor molhava as suas mãos com as suas lágrimas, o seu coração transbordava. Todo o que a sua alma perfeita lhe pode inspirar foram palavras amargas, [sem] censura, ditas certamente com [sic] paixão. Mostrou a vanidade das suas pretensões, da sua rivalidade, desse necessário acordo agora corrompido entre os homens abandonados e longe dos seus países. As xxx, as lágrimas, as carícias, as súplicas. Tudo vinha do coração. — Ah, vocês também! Meus pobres amigos! Bateram-se, mataram-se, por uma miserável questão de nacionalidade! E que interessa Inglaterra e Estados Unidos nisto tudo! Se se chegou ao Pólo Norte, que importa quem o descobriu! Porque [questionar] assim [o país] dos seres e dizer-se americano ou inglês se podemos chamá-los homens! O doutor falou deste modo durante

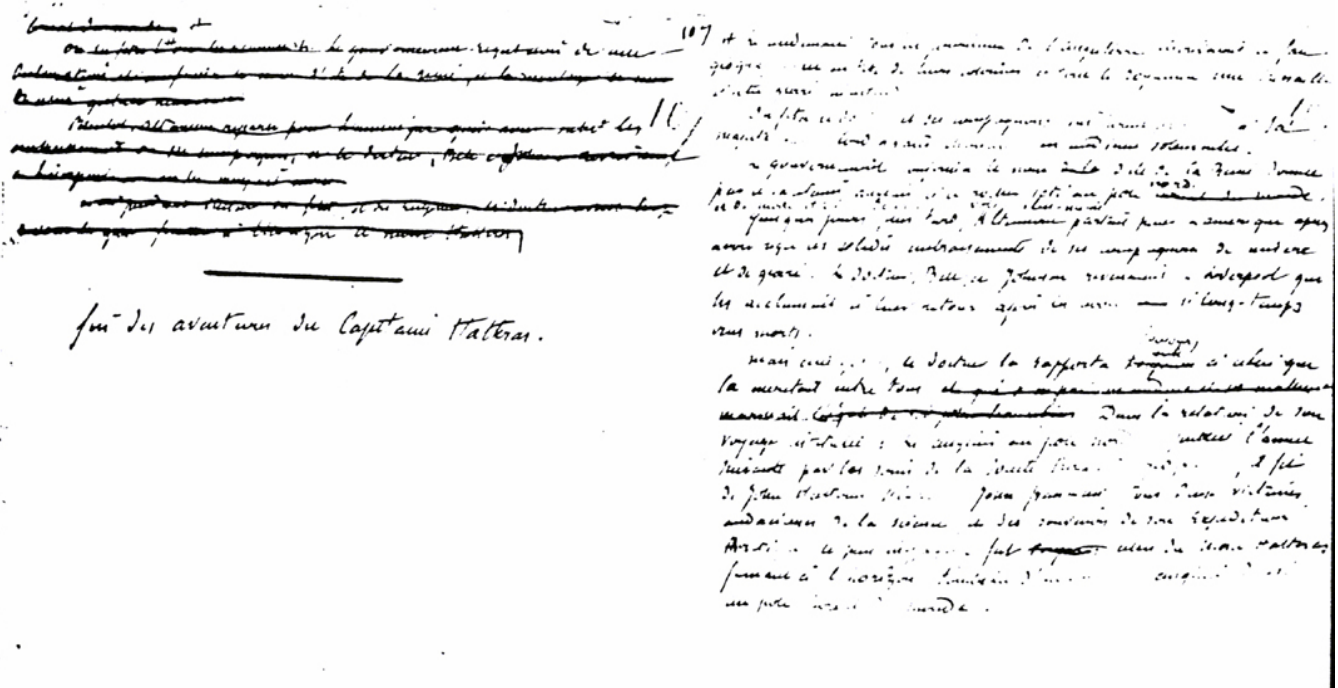
muito tempo, fê-lo xxx em puro dano. A efusão da sua alma, xxxia esses seres rudes, por assim dizer selvagens? Esses dois [adversários] xxx as lágrimas que arrancaram ao melhor dos homens? Não se podia duvidar pelos olhares carregados de ódio que os capitães lançavam um ao outro. A noite passou com a atenção sobre eles (II XXII 87-88 XXIII).

Nesse ponto, uma violenta tempestade declarou-se e, mais adiante, o capítulo parece-se ao do texto impresso, que, além disso, já começou a aparecer.

Qual é o efeito deste capítulo e da intervenção eliminada de «um golpe e pancada»? a melhor parte retirada, já que as suas duas mil setecentas palavras, não eliminadas, foram retiradas enquanto estavam no estado de provas da impressão, decisão, sem dúvida, do editor. O corte é ini-



A morte de Hatteras.



Fotocopia da página 107 do volume II onde se lê o texto "fim das aventuras do capitão Hatteras".

quo para o desenrolar da obra. O desaparecimento deste *crescente* ultra dramático, mas um pouco cómico, atinge o sonho de Hatteras. Mais grave é a sua censura - digamos, por fim, a palavra- que demove o tema da rivalidade anglo-americana e, dessa maneira, desenlaça completamente a intriga. Altamont reduz-se à busca hipócrita da passagem do noroeste, já descoberto, segundo Verne, e que, em todo caso, está longe de constituir um igual digno dos heróicos projectos de Hatteras. A sobrevivência do capitão americano e o seu descobrimento debaixo da neve, não servem para nada mais, porque, para encontrar o *Porpoise*, Hatteras tem necessidade de Altamont ou das coordenadas, mas não dos dois.

Altamont não servirá mais para embelezar a rivalidade anglo-saxónica, não terá importância dentro da história e depois de todas as palavras reescritas impostas, até à sua disputa com Hatteras se diminuirá ao ponto da insipidez.

Verne seguramente lamentou o

sacrifício das tão fascinantes cenas, tão vivas, tão indispensáveis para a intriga, urdidas desde o princípio com tanta sutileza.

O destino de Hatteras

Continuando a sua navegação, a expedição chega aos 89°, descobrindo uma ilha deserta no Pólo Norte e nela um vulcão em plena actividade. Obstinado pela sua ideia de chegar ao próprio ponto do Pólo e apesar das cinzas que caíam e do magma que vertia, o capitão continuou. Nesta comemoração impressionante do destino de Hatteras, uma parte permanece ainda inédita¹:

« Hatteras! Hatteras! »

[O doutor] viu então o desgraçado avançar sobre uma superfície lançando-se no abismo, no meio das chamas, sem se preocupar com os pedaços de rocha que choviam à sua volta. Duk seguia-o a dois passos, e o fiel animal parecia resistir à vertigem que ameaçava arrastá-lo. Hatteras ondeou a bandeira nacional que se

iluminou com estranhos reflexos, e o fundo vermelho aparecia negro na incandescente claridade.

Hatteras agitava-a com uma mão e com a outra mostrava o zénite, o pólo da esfera celeste.

De pronto, desapareceu. Um grito terrível dos seus companheiros chegou até ao cimo do monte. Passou um quarto de minuto, parecia um século. Logo se viu o infelizmente lançado pela explosão vulcânica até uma imensa altura, e a sua bandeira despregava-se com o sopro da cratera.

Logo, caiu no próprio vulcão, donde Duk, fiel até à morte, se precipitou para partilhar o seu túmulo.

Capítulo 276

⊖ regresso O Hans Christien

É xxx pintar o desespero que se apoderou do doutor e dos seus quatro companheiros xxx capitão, seu amigo, vítima da sua tentativa, e dos companheiros do desgraçado Hatteras que acabava de perecer diante dos seus olhos ao preço de xxx.

Com a esperança de recuperar os restos do infelizmente, desceram pela montanha e chegaram, logo das

1 O princípio do capítulo XXVI.

dificuldades, sobre a ladeira sul. Pelas encostas vulcânicas que se opunham, era impossível chegar ao topo da cratera.

Constatou-se que não havia rasto de Hatteras, e que tinha encontrado a morte no xxx do vulcão. A tumba era digna de ele. O doutor xxx desceu e logo de três horas de marcha os quatro sobreviventes desta grande ~~companhia~~ expedição encontraram-se na gruta (II XXV-XXVI 102-103 XXVI-XXVII).

O fim de Hatteras é coerente e de acordo com a sua personalidade, porque os capítulos precedentes preparam-no explicitamente. A sua morte representa, em particular, a única forma de alcançar o Pólo absoluto, o propósito da sua vida e do sentido da obra.

A sua loucura, na versão publicada, procederá seguramente da sua frustração por não ter chegado, devido à intervenção do seu rival americano, ao ponto onde finalmente os meridianos se encontram.

As linhas finais são igualmente muito belas:

Alguns dias mais tarde, Altamont partiu para os Estados Unidos depois de ter recebido os sólidos abraços dos seus companheiros de miséria e glória. O doutor, Bell e Johnson regressaram a Liverpool onde os aclamaram [sic] pelo seu regresso depois de terem que já tivessem mortos há muito tempo.

Mas, esta glória, o doutor reconheceu-a sempre para todos aqueles que a merecem Na descrição da sua viagem intitulada "Os ingleses no Pólo Norte", publicado no ano seguinte pela solicitude da Real Sociedade Geográfica, fez de John Hatteras e, igualmente, de John Franklin, como sendo as duas vítimas audazes da Ciência e das lembranças da sua expedição ártica, mas o mais indelével foi aquele do Monte Hatteras, fumegando no horizonte, a tumba de um capitão inglês, localizada no Pólo boreal do mundo (II XXVI 107 XXVII).

Efeitos da censura

Os espectros das cenas desaparecidas continuam espreitando o livro publicado e seus membros fantasmas seguem escarpando até transformar o relato.

Na sua carta, Verne aceita eliminar o duelo porém, ainda crê que Hatteras terá sempre o direito de se matar. Portanto, no texto impresso, o suicídio do «quinto acto» desapareceu. No próprio momento onde o capitão se lança ao vulcão, Altamont surge do nada, contra toda verosimilitude e apanha-o (o que ao menos o reporta numa função mínima na economia global da obra) mas, devido ao seu fracasso, o capitão enlouquece.

O descontentamento de Verne perante as obrigadas alterações vê-se em varias impossibilidades e incoerências nas versões publicadas: o capitão chega à ilha a nado; uma pedra sepulcral continua sobre a ilha; Hatteras, de forma misteriosa, se ausenta durante o regresso e a reentrada gloriosa na Grã-Bretanha. Nos capítulos precedentes, os leitores compreendem bem a inverosimilhança da posição declarada de Altamont, da razão que dá de uma presença americana colonizadora tão longe da pátria, da solidão surpreendente da exploração britânica. A obra que Verne propõe tem a vantagem, decisiva, de estar bem ancorada na realidade geopolítica contemporânea, visto que é a partir de 1859, data em que se descobre os vestígios documentais da tripulação perdida do Franklin, que a atenção se vira para o Pólo e que os americanos tomam a sério o Grande Norte e pensam, em contornar a América britânica.

Podemos também lamentar amargamente as linhas onde Clawbonny se confia pela primeira e última vez, onde desprime o seu coração, meio inglês, meio escocês, mas completamente francês, onde declara uma filosofia política excepcional, onde Verne ataca o chauvinis-

mo ambiente para se declarar, com uma modernidade assombrosa, um pacifista convencido e cidadão do mundo. O que estava estabelecido de agora em diante, em resumo, é que uma grande parte do capítulo II XXI e da metade do II XXII da obra desejada por Verne está ausente de todas as versões publicadas. Este texto, de algumas mil palavras, de que nunca se suspeitou a sua sobrevivência, é crucial. Representa, sem dúvida, a exclusão mais importante exigida por Hetzel pai de um texto que sobreviveu. É igualmente um dos episódios mais dramáticos de todas as Viagens Extraordinárias.

Dado que os anglo-saxões não realizavam mais duelos, o empenho de Hetzel por suprimir o tema do ódio anglo-americano, e sobretudo, a própria cena do combate mortal sobre o iceberg, demonstra um sentido histórico mais desenvolvido que o de Verne, porém o parecer comercial e literário do editor parece seriamente defeituoso. Se se aceita a valorização da posteridade sobre o trabalho de Hetzel, escritor, infinitamente inferior ao de Verne, a sua sensibilidade literária é também necessariamente menos desenvolvida.

O seu desejo de encurtar partes da obra de um autor já estabelecido faz pensar, de uma parte, numa questão de zelo profissional e, da outra, uma vontade de esconder, ao jovem leitor, as cenas de violência, claramente visíveis, sem dúvida, noutros escritores do seu grupo e até nos seus próprios manuscritos.

Quaisquer que sejam as razões da sua incompreensível reacção, o conhecimento do manuscrito transforma a nossa concepção de Hatteras. Já não se pode ler a obra sem pensar constantemente no que poderia e deveria ser, no que estava originalmente e na maneira em que poderíamos constituir o modelo, em termos de magnitude política e humana, das obras seguintes ●

180 razões para continuar verneando

Ariel Pérez

Foi em Nantes, principal porto do Loire inferior, especificamente no imóvel situado no terceiro piso do número quatro da Rua Olivier de Clisson, da Ilha Feydeau que, há exatos cento e oitenta anos nascia, naquele oito de fevereiro, Jules Gabriel, primogênito do matrimônio entre Pierre Verne, um advogado de Provins e Sophie Allote de la Fuÿe. Seu nascimento se deu ao meio-dia, foi registrado nesse mesmo dia, no prédio da Câmara Municipal, às três da tarde e batizado no dia seguinte, numa cerimônia na igreja Sainte Croix. Inimaginável era para seus pais que o menino se converteria, com o passar do tempo, no terceiro escritor mais traduzido do planeta, conhecido atualmente em todo o mundo.

Certamente Verne, um amante da Literatura e das Ciências, se interessou, desde cedo, por escrever, enchendo em sua adolescência dois cadernos de poemas, muitos deles dedicados a sua querida prima Caroline, por quem se enamorou. Quem sabe se quando criou seu projeto de mapear a Ciência em romances de aventuras não pensou na repercussão que isso teria na Humanidade. Talvez não tenha pensado tampouco que sua vida e obra estariam sendo objeto de investigação constante. Nunca imaginou ser um dos escritores a que se dedicam mais estudos, a cada ano que passa. Quem sabe não pensou nas conseqüências. Se assim fizesse, talvez não haveria sido o que foi e o que é. Mas, o que é? Para defini-lo, me atreveria dizer que: um viajante universal admirado por uns, minimizado e criticado por outros, e que ainda hoje, quase dois séculos após seu nascimento, gera polêmica.

Muitas pessoas que me encon-

tram perguntam-me as razões pelas quais dedico uma revista a Verne, um simples escritor. Duvidaram e se perguntaram de que maneira se pode dirigir uma publicação a um tema fixo. Além de me acusarem de monotemático, prognosticaram que dentro de pouco tempo já não haveriam assuntos a serem abordados.

A permanência do autor das **Viagens Extraordinárias** no gosto de dezenas de milhões de pessoas e na prioridade de investigação de algumas (não muitas, temos que reconhecer) perdura e constitui verdadeiro feito. Há uma grande influência, sem dúvida, do trabalho constante de estudiosos que têm jogado luzes sobre o autor e sua obra, a partir de óticas pouco comuns, ao menos para a maioria das pessoas, que lêem Verne e vêem nele um escritor de aventuras, relatos para adolescentes e romances de avanços científicos, ao homem de imaginação fantástica, que pôde prever com anos de antecipação muitos dos avanços que chegaram anos depois.

Resulta interessante, assim, agora que se comemora mais um aniversário de seu nascimento (desta vez, algo especial, por ser um número "redondo"), analisar o fenômeno Jules Verne e os fatores que influenciaram essa transcendência que se estende ao século XXI. Quais são as causas para que ainda se fale de Jules? Continuará se falando dele nos próximos anos? Enfim, repassar em perspectiva os motivos pelos quais sua obra ainda é lida e sua vida ainda é investigada.

O renascimento da investigação verniana

Logo após a morte de Verne, e durante os anos seguintes, foram



Jules Verne em 1902 aos 74 anos

publicadas biografias e estudos que se dedicaram apenas a recriar e repetir mais uma vez informações das primeiras biografias existentes, sobretudo a escrita em 1928 por Marguerite Allote de la Fuÿe, parente do autor. Verne era lido principalmente por jovens adolescentes e a concepção geral de sua obra então era a que ainda hoje persiste popularmente.

O francês Marcel More iniciou o período de renascimento das investigações vernianas na década de sessenta, com dois livros que tiveram grande impacto na época, mas que hoje em dia não constituem nada relevantes. Uma década mais tarde, nos anos setenta, começa a verdadeira era de ouro, quando novos nomes e trabalhos se agregam à lista: Jean Chesneaux com sua romanceada leitura política; Jean-Jules Verne, neto do autor, com sua própria biografia; Charles-Noël Martin, com o importante relato biográfico, ainda valioso, sobre sua vida e obra; Cécile e Daniel Compère com seus primeiros trabalhos e o italiano Piero Gondolo della Riva, um dos mais ativos investigadores, que publicou, pela primeira vez, a listagem de todas as obras e temas que compõem a bibliografia

de Verne, conhecida até o momento, editada em dois volumes.

Piero também teve o privilégio de ser o primeiro a encontrar, nos arquivos da família Hetzel, uma série de documentos inéditos que lançaram, de forma imediata, novas luzes e hipóteses sobre a autenticidade dos últimos romances escritos por Verne. Ele achou uma série de cartas assinadas por Michel Verne dirigidas a Hetzel filho e as cópias das cartas de resposta deste último. Além disso, encontrou as cópias datilografadas de quase todas as novelas póstumas de Jules, que invariavelmente tinham estampado, na capa, as palavras “texto original”. Segundo a explicação dada por della Riva, estas cópias devem ter sido feitas após a morte de Verne por um copista que nem sempre compreendia a fina caligrafia do autor e que, por conseguinte, deixava em branco as palavras que lhe pareciam incompreensíveis. O investigador italiano não demorou muito a perceber que estas cópias não correspondiam aos romances póstumos tal como haviam sido publicados. O número de capítulos era menor, faltavam muitos personagens e o estilo era mais lento, cheio de numerações e digressões geográficas e históricas muito longas. Ao comparar estas cópias com os manuscritos originais apresentados por Jean-Jules Verne, Piero comprovou que ambos coincidiam palavra por palavra.

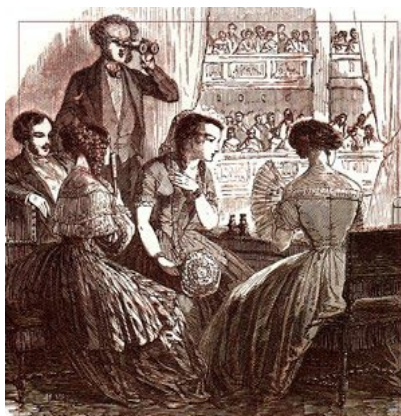
Esta descoberta rapidamente deu lugar a uma série de estudos e ao interesse cada vez maior pela investigação verniana, que se mantém até os nossos dias.

As publicações periódicas

Não há dúvidas de que uma das formas nas quais os investigadores de todas as épocas têm podido expressar seus critérios e os resultados de suas pesquisas é através das publicações periódicas, que começaram nos anos trinta do século pas-

sado, quando se criou o *Boletim da Sociedade Jules Verne*, que, ainda que tenha sido interrompido durante o período da II Guerra Mundial, reiniciou sua publicação a partir de 1966 e se mantém até os nossos dias como a principal fonte de informação no mundo sobre o escritor. É publicada quatro vezes por ano e em suas páginas têm aparecido, pela primeira vez, obras de teatro, contos, poemas e outros textos inéditos do escritor francês. Assim mesmo, a Sociedade – instituição, por certo, que tem recebido muitas críticas ultimamente ao ser considerada elitista – tem publicado muitos dos romances escritos originalmente por Jules ao final de sua vida. Em que pese os últimos comentários, a Sociedade tem sido durante mais de meio século a instituição de referência sobre os textos do gaulês. A *Revue Jules Verne*, que se publica na França duas vezes por ano, é outra das publicações periódicas divulgadoras da investigação verniana. Cada número se dedica a um tema diferente e nela escrevem especialistas de prestígio..

Además de estas dos publicacio-



Jules VERNE THÉÂTRE INÉDIT

le
cherche
midi

Capa do livro onde se publicaram várias obras de teatro.

neslém dessas duas publicações, sem dúvida, as mais importantes e duradouras, existe outro grande número de revistas e boletins editados pelas sociedades ou clubes existentes. *De Verniaan*, da Sociedade Holandesa, *Bilten* da Croácia, *Extraordinary Voyages*, dos Estados Unidos, *Nautilus*, que compartilha seu nome no caso de duas publicações das Sociedades da Polônia e Alemanha. Por último, o mais recente da família, resta esta própria publicação que surgiu em setembro do ano passado, e que é a única entre as mencionadas que se publica de forma gratuita e em formato eletrônico. O futuro próximo trará uma nova opção também de acesso livre e disponível pela Internet. Trata-se da *Verniana*, a revista de estudos albergada no *website* de Zvi Har'El que começará seu funcionamento em fevereiro deste ano..

O descobrimento dos manuscritos originais

Da mesma forma que o descobrimento de *Paris no Século XX* e sua posterior publicação na França, em 1984, provocou uma nova ideia do que se havia pensado sobre o autor, também o aparecimento dos manuscritos originais de Verne levou a outros estudos e mudanças de pensamento.

Primeiro foram os escritos originais das obras póstumas de Jules que foram publicados durante as décadas de oitenta e noventa. Mais recentemente, a leitura dos manuscritos originais de muitos dos romances de Verne, entre eles alguns dos mais lidos e famosos, sem a censura de Hetzel. Ainda restam por serem publicados estudos profundos sobre o tema. Nestas mesmas páginas já se publicou um artigo de William Butcher que fala sobre as diferenças substanciais entre o final de Verne e o imposto por seu editor, no caso de *As Aventuras do Capitão Hatteras*. Da mesma forma, pode ser que

existam diferenças para vários outros textos.

Obras de teatro, contos, cartas, entrevistas

Desde uns quinze anos atrás, até hoje, o *corpus* verniano tem-se enriquecido de forma notável com a publicação de muitos livros com material biográfico e com novas obras de Jules Verne que têm sido descobertas. Primeiro foram os manuscritos publicados pela cidade de Nantes em tiragem limitada com um grande número de obras desconhecidas até aquele instante, que incluía obras de teatro e contos. Muitos desses textos teatrais foram publicados posteriormente no *Théâtre inédit* (2005), um volumoso livro de mais de mil páginas. Em 1989, foi publicado o livro *Poésies inédites*, que incluiu a cópia dos dois cadernos de poemas escritos pelo gaulês principalmente em sua adolescência.

Outra importante série de publicações para investigadores e leitores de Verne surgiu no final da década de noventa, com o livro de entrevistas de Jean-Michael e Daniel Compère em 1998. Um ano mais tarde, o primeiro de um conjunto de cinco volumes, até aqui, com a correspondência inédita de Jules Verne, primeiro com seu editor Jules Hetzel, depois com o filho deste e, para este quinto volume, a de Michel com Hetzel filho. A importância desses documentos é crucial. Constituem os livros de consultas mais importantes sobre a vida e a obra do autor, dada a ausência de uma autobiografia.

A atualidade

A partir do ressurgimento investigativo da década de setenta, um novo grupo de especialistas formou-se entre os anos oitenta e noventa. Falamos de Jean-Michel Margot, William Butcher, Olivier Dumas, Volker Dehs, Jean-Paul Dekiss e ou-

tros. Eles se encarregaram de levar o mundo da busca verniana ao seu máximo esplendor.

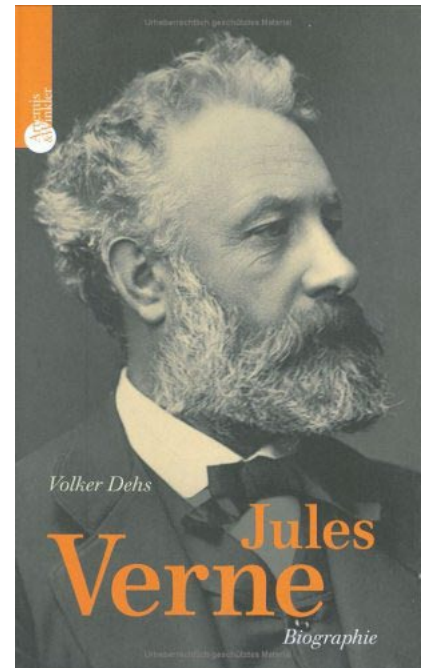
Com o passar dos anos tem-se conseguido dados que esclarecem determinados períodos obscuros; tem-se derrubado, de igual forma, antigos mitos; foram descartadas velhas teorias, e isso proporcionou a publicação de novas biografias com grande atualidade e qualidade. Em 2005, ano do centenário da morte do autor, foram publicados mais de 50 livros sobre o tema, incluindo ensaios, estudos e biografias, entre elas a do alemão Volker Dehs, tida como uma das mais completas e que só está disponível em língua alemã. Nesse mesmo ano, Joëlle Dusseau escreveu a biografia mais completa em francês e no ano seguinte chegou a de William Butcher, que a apresenta como a "biografia definitiva", também com muitos dados atualizados e informações que se baseiam em novas fontes de consulta que nunca antes foram exploradas, principalmente uma tese de mestrado inédita de um pesquisador francês.

O próprio Butcher descobriu também os originais de *Le Salon de 1857*, uma crítica de arte escrita por Verne durante a celebração desse evento, naquele ano em Paris. O texto será publicado proximamente em uma edição comentada que resultará, sem dúvida, em leitura obrigatória.

Por outro lado, nos países de língua inglesa, o número de traduções das obras de Verne tem crescido nos últimos tempos, sobretudo por causa do grande número de péssimas publicações editadas anteriormente nos Estados Unidos e na Inglaterra. Os novos tradutores têm se assegurado de que seus trabalhos sejam os mais fiéis possíveis aos originais de Jules.

Na rede das redes

Os meios de comunicação mudaram muito. Nessa aldeia global que



Capa de uma das biografias recentes escritas sobre Verne

vivemos, a Rede de redes tem apresentado novos conceitos e aproximado o mundo. Duas pessoas, por mais distantes que estejam, podem comunicar-se entre si sem maiores dificuldades usando a tecnologia atual. A Internet não está dissociada do fenômeno Verne. O primeiro *site* com seriedade que se criou a propósito do tema foi o do israelita Zvi Har'El por volta de 1995 e se mantém ainda como local de referência em matéria verniana. O *site*, que se pode ler no idioma inglês, tem um fórum de discussão que possui mais de duzentos membros de vários países, e tem entre suas características principais listar a bibliografia completa do autor, uma página de perguntas mais freqüentes, uma biblioteca virtual com mais de cem textos em sete categorias e outras opções para o visitante.

A este se seguiram outros, em francês e em inglês. Um dos maiores entusiastas vernianos, o holandês Garnt de Vries criou também seu próprio *site* com elementos particulares que o identificam por si só. Também Andrew Nash, canadense,

criou seu espaço assim como Dennis Kytasaari e Jean-Alain Marquis, que possui um excelente *site* sobre as edições Hetzel. Mais recente é a criação de um *site* de notícias por alguém que se faz chamar Passepartout, e na realidade ele honra seu nome, porque realmente “passa por todos os lugares”, e recolhe informações para mostrar em seu *blog*. Ninguém sabe onde ele obtém, mas aí está para dar novidades aos vernianos a cada manhã, com um texto de um livro, uma imagem nunca antes vista ou uma informação que não se conhece.

Em 2001, surge a primeira página sobre Verne em espanhol na rede, que se converteu, com o passar do tempo, no *site* de referência nesse idioma na Internet. Mencionado por várias publicações e incluído, pelo segundo ano consecutivo, como referência na enciclopédia Encarta da Microsoft, a página goza de boa saúde e seguirá trazendo informações para os vernianos de língua espanhola. Dois anos depois, um peruano, Cristian Tello, criou seu próprio *site* em espanhol. Ostenta, em suas páginas, a biografia mais completa da rede, em espanhol, e vários textos *on line*, assim como uma extensa biblioteca de imagens. Cristian, que também colabora com a **Mundo Verne**, segue desenvolvendo seu *site* e aumentando o banco de dados.

No idioma alemão existe uma página muito bem documentada: a de Andreas Fehrmann. Outro colabora-

dor desta revista, Frederico Jácome, tem seu *site* e *blog* sobre o autor em português. Enfim, a globalização pela Internet tem auxiliado para que se conheça Verne além das fronteiras francesas. Basta dizer que quase a totalidade dos romances do autor está disponível *on line* (mais de cinquenta) de forma gratuita para ser lida e que a quantidade de informação na Internet sobre o tema vem aumentando.

esquadrinhar os profundos segredos de um homem que não fez mais do que descrever a Terra com os meios que tinha a seu alcance e com um pouco de imaginação.

São suas viagens extraordinárias o símbolo de uma época e é seu autor um homem que, cada vez de forma mais evidente, mostra uma interessante dualidade ante o mundo moderno.

Estamos na presença de um Verne que claramente se divide em dois, que nada tem a ver um com o outro.

Um é um ícone, o do escritor que evoca os submarinos, as inovações tecnológicas e as aventuras extraordinárias. É o autor dos escritos em que se baseiam os fantásticos filmes que se produzem em Hollywood, é o escritor que alimenta a imaginação popular e que continuará agradando aos que o lêem e que buscam os elementos de Ficção-Científica em suas obras.

Por outro lado, há um outro Verne, que é o verdadeiro, o escritor da série que o imortalizou, o homem, ele que se ergue como o criador da Ciência romanceada no seio da Literatura francesa. É desse que nos ocupamos dia a dia com nossas investigações e dele que procuramos difundir as obras, completas, íntegras ou adaptadas e traduzidas o mais fielmente possível. Estes dois Verne ainda poderiam ser confundidos anos atrás, porém já há algum tempo a diferença entre eles se faz cada vez maior e assim será com o passar do tempo, quem sabe por mais cento e oitenta anos ●



Página de início do site de Zvi Har'El

... e Verne?

Até aqui, falamos de alguns dos motivos que têm influenciado na transcendência do autor da série conhecida como **Viagens Extraordinárias**, cento e oitenta anos depois de seu nascimento, mas seria injusto deixar de lado o principal elemento impulsionador: o próprio Jules Verne. O escritor, com sua obra em si, tem conseguido perpetuar-se e inspirar as pesquisas e investigações incessantes de pistas sobre períodos de sua vida. A aura de incógnitas e, ao mesmo tempo, de profeta que rodeia sua figura tem motivado todas essas pessoas que hoje tratam de

30000 léguas de viagem sem cor

Brian Taves

Parece difícil haver algo pior que os filmes *Around the world in 80 days* de 2004 ou o telefilme *Mysterious island* de 2005. No entanto, *30000 leagues under the sea* parece ter alcançado esta lamentável meta. Com uma distribuição em 2007 pela *The Asylum*, feita especialmente para ser vista em vídeo, o filme começa com a ideia pouco atraente de actualizar um clássico de Verne, tratando de cruzar Verne com Tom Clancy. Certamente, Verne já tinha sido actualizado antes e os resultados não foram nada interessantes e nesse sentido vem à minha mente o *The amazing Captain Nemo* como um desses exemplos. Mesmo assim, como também o seu antecessor, este último pode ser considerado com uma obra-mestra em comparação com *30000 leagues under the sea*.

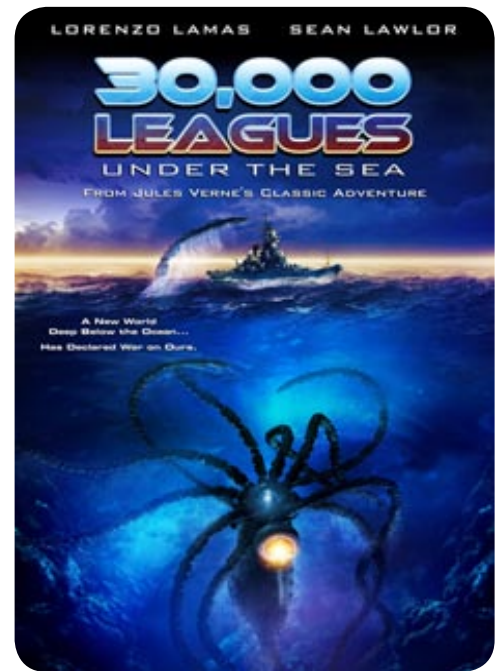
Como em *The amazing Captain Nemo*, o filme começa com a ideia de ter Nemo interagindo com a tecnologia naval moderna. Algumas personagens ainda se mantêm. Está Aronnax e Conseil, e agora a sua ex-mulher militarmente superior. Também está Nemo, mas nenhum destes tem uma proximidade com as personagens da obra, nem tão pouco as personagens secundárias. De facto, Conseil renuncia-se, não como um nome francês, mas sim como se fosse um tipo de foca (em inglês, *seal*).

O comandante Farragut do *U.S.S. Abraham Lincoln* deixa Aronnax e os seus companheiros num submarino especial na Fossa das Marianas, onde se tinha perdido anteriormente outro submarino maior, aparentemente apanhado por uma lula gigante. Ao manter contacto, os resgatadores, por alguma razão, acordam a bordo do *Nautilus*. Nemo apresenta-se como

um jovem milionário excêntrico que os pretende libertar em breve, e que desfruta da mais amigável das relações com Farragut. Desde esse momento, são evidentes as disjunções típicas do argumento do livro.

O próprio *Nautilus* tem muito em comum com o *Seaview* de *Voyage to the bottom of the sea* e é mais do que Verne imaginara. Nemo comporta-se como um idealista, determinado a guardar as profundidades e criar uma utopia submarina visto que a humanidade está “defecando” (a palavra usa-se numa das ocasiões) sobre a superfície mundial. A sua tripulação parece conter todo o tipo de pessoas; o *Nautilus* é mais uma cidade que um submarino. Até existe um clube nocturno a bordo e aparentemente as prostitutas exercem a sua profissão com aprovação. Certamente, a linguagem e a moralidade de um filme baseado numa obra de Jules Verne foi modificada para a do século XXI. Já lá vão os dias em que Verne dava entretenimento para a família, ou o cívico idealismo de *Captain Nemo and the underwater city*, em que Nemo representa um estilo de Lyndon Johnson que trata de constituir uma Grande Sociedade nas profundidades.

Gabriel Bologna, realizador de *30000 leagues under the sea*, diz-se ser um aficionado de Verne, e até deu o seu nome ao seu filho em homenagem ao autor. Porém, a adaptação foi feita por um roteiro de Eric Forsberg que tem mais contradições e cenas sem sentido que uma série cinematográfica e tão pouco mantém o encanto do género. O filme regressa constantemente a pontos da acção para reciclar



Poster que anuncia o filme.

cenas e cenários. O final mostra-nos Nemo a perseguir Aronnax, para resgatar o “oxigenador” que Aronnax tinha inventado e que o capitão necessitava para ressuscitar a Atlântida.

Além dos nomes dos personagens, apenas se encontram duas semelhanças com o livro: a terra submersa da Atlântida e a lula gigante (várias delas e sob o controle do capitão do submarino). O próprio Nemo afasta-se muito da concepção de Verne e das piores personificações de filmes anteriores. A renúncia irlandesa de Sean Lawlor e os símbolos navais na túnica de Nemo estão completamente fora de contexto. Nemo parece um maníaco tentando capturar Aronnax. Lança torpedos nucleares sobre Aronnax e seus companheiros, que preparam uma bomba armadilhada às escondidas que destrói o *Nautilus*. Quando os próprios seguidores de Nemo abandonam a embarcação, deixam o seu capitão chorando



Cena do filme "30000 léguas submarinas" onde se observam os protagonistas no Nautilus e com uniformes típicos de uma era bem diferente à que se desenrolam os acontecimentos da obra em que se baseou o filme.

desconsoladamente, e o Nautilus acaba por chocar contra os restos da Atlântida. Certamente, nenhum filme anterior tinha oferecido um quadro tão lastimoso do "herói das profundidades" de Verne.

Não se trata que Lorenzo Lamas ofereça mais como Aronnax ou Natalie Stone como Conceil. Os actores têm pouca oportunidade aqui, sem

dúvida, devido ao roteiro e à realização de Gabriel Bologna, que pouco alterna entre normais e extremos planos. Se, pelo menos, a versão de 2004 de *Around the world in 80 days* ou a de 2005 de *Mysterious island* ofereceram alguns pontos de interesse ou discussão, o certo é que *30000 leagues under the sea* tem, lamentavelmente, poucas virtudes ●

30000 léguas submarinas

Título original: *30000 leagues under the sea*

Realização: Gabriel Bologna.

Elenco

Lorenzo Lamas (Tenente de corveta Aronnax)

Natalie Stone ... Capitão da corbeta Rollins

Sean Lawlor ... Capitão Nemo

Kim Little ... Especialista Sustin

Declan Joyce ... Cooper

Sinopse: Versão livre da obra **20000 léguas submarinas** de Jules Verne.

Roteiro: Eric Forsberg.

Produção: Anthill Productions e The Global Asylum.

Distribuição: The Asylum.

Música original: David Raiklen.

País: Estados Unidos.

Idioma: Inglês

Formato: Em cores, com aspecto 2,35:1.

Género: Ficção-Científica.

Duração: 90 minutos (na versão DVD)

Data de estreia: 9 de setembro de 2007 nos Estados Unidos.

As versões cinematográficas de "Vinte mil léguas submarinas"

A primeira versão cinematográfica desta obra de Verne chegou em 1905 pela realização do norte-americano Wallace McCutcheon, em preto e branco, com somente 18 minutos de duração. Dois anos mais tarde, apesar de Georges Méliès (o do **Viagem à Lua**) ter titulado um filme com o mesmo nome do da obra, não está relacionado de forma alguma com o relato de Verne. Uma nova produção norte-americana de 1916 dos estúdios Universal apareceu nos cinemas mais de dez anos depois da primeira. Tratava-se de uma versão livre da história, dirigida por Stuart Paton. Após várias paródias animadas e alguns projectos não finalizados, produziu-se, em 1954, um filme –com 122 minutos de filmagem– por parte dos estúdios Disney. Dirigida por Richard Fleischer e com as atuações de Kirk Douglas como Ned Land, James Mason no papel de capitão Nemo, Paul Lukas como Pierre Aronnax e Peter Lorre como Conseil. Ganhou um Óscar pelos seus magníficos efeitos especiais, e esta adaptação da obra de Jules é considerada como uma das melhores já feitas baseada nesse livro do escritor gaulês. A partir desse momento, a maioria das tentativas de levar a obra aos cinemas, sobretudo nas décadas de setenta e oitenta, foram revertidos em séries televisivas com menos êxito. A tentativa mais recente foi *30000 leagues under the sea* produzida para vídeo. Segundo o IMDB, existe um projecto de filme para o ano de 2010 baseado na história de Jules, de Nemo e do seu submarino.

Pierre Jean - Capítulo 3

—Tradução: Estela dos Santos Abreu—

Era um rapaz de trinta anos, bem forte, o n. 2 224. O rosto, franco, revelava uma inteligência honesta, não inclinada ao crime. Profunda era a resignação no semblante desse homem; resignação porém sem embrutecimento, pois vivas centelhas percorriam-lhe o olhar abatido. Essa energia interior poderia ser aproveitada; não se vislumbrava vocação para o mal nos traços regulares do desventurado, que uma educação propícia decerto reabilitaria.

Estava acorrentado a um velho que, mais endurecido e mais rude, era bem diferente dele. Sob a fronte aviltada do velho grillheta, viviam pensamentos pecaminosos! Infame e medonha ligação, que constitui a imensa solidariedade do crime! De onde vem essa lei fatal que obriga o honesto a se perder, em contato com o facínora? Por que o mal é o verme que corrói o bem?

Os pares em serviço nesse momento içavam os mastros reais de um navio recém-construído e, para ritmarem os movimentos, entoavam a canção da Viúva. A Viúva é a guilhotina, viúva de todos a quem mata!

*Oh! oh! oh! Jean-Pierre, oh!
Prepare-se!*

*Olhe, chegou o barbeiro! oh! ó Oh!
oh! oh! Jean-Pierre, oh! Chegou a carroça!*

*Ah! Ah! Ah!
Para cortar a goela!*

Que existência! Que pensamentos! Que horizonte limitado pelo cárcere e pelo patíbulo!

O Sr. Bernardon esperou com paciência o intervalo entre os trabalhos. Então, aproveitando a pausa que lhes era oferecida, os pares descansaram. O condenado mais

velho estendeu-se no chão; o mais moço, calado e abatido, encostou-se nos pés de uma âncora.

O marselhês aproximou-se dele.
- Meu amigo - disse em tom afetuosamente -, queria conversar com você.

O n. 2 224 adiantou-se para o interlocutor, e o movimento da corrente tirou o velho à força de sua sonolência.

- Hei! - disse este. - Fique quieto, senão acaba chamando a atenção de algum dedo-duro!

- Cale a boca, Romain; quero falar com este senhor.

- Vai falar coisa nenhuma!

- Largue um pouco a sua corrente!, - Não! Vou puxar mais pro meu lado!

- Romain! Romain! - disse o n. 2 224, que começava a se impacientar.

- Está bem, vamos ver quem ganha - disse Romain, que tirou do bolso um baralho.

- Pronto, ele quer atrapalhar - lamentou o jovem condenado.

A corrente do par de prisioneiros era feita de dezoito elos de seis polegadas¹; cada um tinha, portanto, nove e contava com essa margem de liberdade. Os dois puseram-se a discutir, numa briga carregada de cobiça. Seu linguajar estava cheio de palavras incompreensíveis.

O Sr. Benardon aproximou-se de Romain.

- Eu compro o seu pedaço de corrente - ofereceu. - Paga bem?

O negociante tirou da carteira cinco francos.

- Cinco pratas?! - exclamou o velho forçado. - Combinado! e atirou-se para o dinheiro, que desapareceu não se sabe onde; depois, largando os elos que havia enrolado à sua frente, voltou para o mesmo lugar e se deitou de bruços.

1 Cerca de dezasseis centímetros.

- O que o senhor deseja? - perguntou o jovem prisioneiro ao marselhês.

Este olhou-o fixamente e respondeu:

- Você se chama Pierre-Jean; passou cinco anos nas galés por roubo qualificado; há três anos, após cumprir a pena, foi solto, mas, apanhado logo depois como reincidente, foi de novo condenado a dez anos a ferros.

- É verdade! - confirmou Pierre-Jean. - Você é filho de Jeanne Renaud.

- Coitada da minha mãezinha! - disse o moço acabrunhado. - Nem me fale! Ela já morreu.

- Morreu há dois anos - completou o Sr. Bemardon.

- Pois saiba, senhor, que trabalho muito para juntar a quantia necessária à compra de um túmulo para a infeliz Jeanne Renaud.

- Ela está enterrada sob uma bela lápide de mármore - respondeu o negociante.

- Cercada de árvores?

- É, Pierre-Jean.

- Ah! Muito obrigado. Mas quem é o senhor?

- Escute, nossa conversa tem de ser rápida. Prepare-se para fugir daqui a um ou dois dias. Compre a peso de ouro o silêncio do seu companheiro. Prometa o que for preciso, eu cumprirei suas promessas; quando estiver pronto, receberá os instrumentos necessários à fuga, porque de hoje até aquele momento vai ser difícil você conseguir escondê-los. Adeus, Pierre-Jean!

O marselhês continuou calmamente sua inspeção, deixando o prisioneiro estupefato com o que acabara de ouvir. O negociante deu umas voltas pelo arsenal, visitou duas oficinas e retornou à carruagem, cujos cavalos logo o conduzi-



ram ao hotel.

Pierre-Jean ainda não se refizera da surpresa; como aquele homem podia conhecer tão bem as diversas circunstâncias de sua vida? Por que motivo lhe havia falado da mãe? Por que Jeanne Renaud tinha um belo túmulo sombreado de árvores? Que interesse teria esse homem em libertá-lo? De qualquer forma, aceitou de bom grado o que lhe era oferecido e resolveu preparar tudo para fugir.

Primeiro teve de comunicar ao companheiro o que pretendia fazer; coisa indispensável, porque o elo que os prendia não podia ser rompido sem que os dois se dessem conta. Talvez Romain quisesse aproveitar a fuga, o que diminuiria as possibilidades de êxito.

O velho prisioneiro só tinha de cumprir mais dezoito meses a ferros. Por isso, Pierre-Jean o exortava a ficar, mostrando que, por tão pouco, não devia arriscar-se ao aumento da pena; mas Romain, que pressentia dinheiro no fim de tudo isso, não queria dar-lhe ouvidos e recusava-se

a seguir o raciocínio do companheiro. No entanto, quando Pierre-Jean lhe acenou com milhares de francos que estariam à espera do velho no momento em que saísse do cárcere, este deixou de fazer-se de surdo e prestou atenção ao que dizia o rapaz. A dificuldade estava em acertar o modo de pagamento; depois de muita conversa, na qual Romain demonstrou total desprezo por promessas e garantias de honradez, ficou combinado como adiantamento um punhado de diamantes, que ele guardaria em lugar seguro; quanto ao restante, fiava-se na lealdade de Pierre-Jean, com o acréscimo de ju-

ros à taxa do dia.

O rapaz começou então a procurar um modo de fugir. A questão era sair do porto sem ser percebido; precisava escapar dos olhares experientes das sentinelas e dos carcereiros. Devia empregar a audácia ou a astúcia? Talvez uma e outra! Quando chegasse aos povoados, antes que a polícia fosse prevenida, seria fácil oferecer dinheiro aos camponeses, e os interessados pela recompensa que a justiça oferecia pelo evadido decerto não resistiriam ao fascínio de uma quantia mais polpuda.

Pierre-Jean achou que a noite era o momento mais favorável a seu plano; embora não fosse condenado à prisão perpétua, dormia, excepcionalmente, nas salas em vez de voltar para o cárcere flutuante num dos velhos navios; sair das salas era difícil, o importante era nem chegar a entrar. Os ancoradouros praticamente desertos lhe ofereciam alguma possibilidade, pois o único modo de fugir do arsenal era pelo mar. Chegando a

terra, cabia a seu protetor indicar-lhe o caminho.

Disposto a confiar no desconhecido, resolveu esperar por suas sugestões e, antes de tudo, saber se confirmaria as promessas que em nome dele fizera a Romain. Impaciente, o tempo lhe parecia lento a passar.

No dia seguinte, o marselhês veio direto até ele.

- E então?

- Está tudo arranjado, senhor, e com sua ajuda vai dar certo. - O que falta?

- Prometi três mil francos a meu parceiro quando ele sair daqui.

- Ele os terá. E que mais?

- Ele não confia em promessas e pede uns diamantes como adiantamento.

O Sr. Bemardon verificou se não estava sendo observado e deixou cair seu alfinete de gravata aos pés do velho, que deu sumiço imediato na jóia. Entregou também um saco a Pierre-Jean.

- Aí está - disse -, ouro e uma lima bem temperada.

- Obrigado, senhor. Aonde devo chegar?

- Perto de Notre-Dame-des-Maures², no alto da montanha.

- Combinado!

- Quando vai ser?

- Esta noite. E vou a nado.

- Está certo. Procure chegar ao cabo do Garona³. Lá encontrará a roupa necessária. Coragem e prudência!

- E gratidão - acrescentou Pierre-Jean.

Os grilhetas voltaram ao trabalho. O Sr. Bemardon, frio e impassível, examinou com grande minúcia os trabalhos do arsenal e conversou muito tempo com dois célebres galerianos que o consideraram um arquifilantropo ◆

2 Cerca de vinte quilômetros a leste de Toulon.

3 Atual cabo de Carqueiranne, ponta leste da grande enseada de Toulon.

Duas cartas ao seu pai em 1848

Tradução: Ariel Pérez

Interessantes cartas de Agosto e Dezembro de 1848, onde Jules diz ao seu pai de como vai o seu curso de Direito, que sente a necessidade de ter mais comunicação com a família e onde antecipa que a sua paixão pelos livros o envolve ao ponto de gastar uma grande parte da sua mesada em material para ler.

Paris, quinta-feira 3 de Agosto de 1848

Meu querido pai:

Recebi – duas brancas e duas vermelhas - tendo portanto Oudot e Ducaurroy!! Vi que me correu melhor do que esperava dada a série de professores os quais, com o tempo, me oprimia. Parto para Provins esta tar-

de com Charles, os detalhes estão prontos. Por fim, o meu segundo ano felizmente terminou. Que seja assim também o terceiro.

Teu filho que te abraça como também à mãe e a toda a família. J. Verne

Paris, [quarta-feira] 6 de Dezembro de 1848

Meu querido pai:

Sinto que a serpente do ciúme invade lentamente, com o seu veneno, a minha alma! Estou com inveja de Edouard! Recebeu de Nantes, pelo menos, três cartas e eu apenas uma! Há tantas pessoas que me poderão escrever! E eu as responderei!

Em relação às calças negras que me falaste, meu querido pai, tenho-as no coração e nunca as coloquei nas pernas.

Foi Paul quem mandou e provou essas calças quando tratou a questão de que vinha a Paris. Não me pediu para usar as calças negras, ainda que a necessidade se fez sentir. Gostaria que estabelecesse-se a minha conta de cada mes porque perco-me nela. Em qualquer caso, tenho necessidade de dinheiro antes do doce!

Tenho agora uma paixão maldita! Estou no meio de uma privação mais aterradora de livros de literatura, e tenho crispações nervosas quando passo à frente de uma livraria!

Não posso viver sem livros, é impossível! Irei-os pagar dos fundos da caixa de aforros! Desta maneira, por 16 fr. 50 centavos, a edição Charpentier, que vale 25 francos e comprei as obras completas de Shakespeare. É um excelente negócio, porém é pouca coisa. Oh! Se estivesses em Paris farias excelentes negócios! Um Walter Scott completo e bem encadernado, 32 volumes por 60 francos! Um Scribe completo encadernado,

24 volumes por 50 francos! Todo isto é admirável e há mil por cada estilo.

O Paul já foi? Notícias, necessito de notícias. Como vai a mãe? Que se faz e que se fala em Nantes? Loucos nanteses partidários de Cavaignac¹, que está admiravelmente instalado em Paris; todos os jornais concentram-se em Napoleão!

Não se sabe se haverá problemas. Em qualquer caso não me junto.

Comprei sapatos de lustro. Amanhã a senhora de Barrère irá me apresentar não sei onde. Em todo caso, conhecerei um jovem homem, amigo íntimo de Victor Hugo; Qual homem jovem poderá cumprir o mais ansiado dos meus sonhos! Estamos perdidos, nas altas considerações literárias do dia e temos passado revista a uma parte das luzes actuais.

O exame de Direito aproxima-se, é para o mês de Janeiro, é muito cansativo, mais aborrecido que difícil.

Adeus, meu querido pai, te beijo de igual modo como à mãe, a todas as irmãs, à boa ama, que prometeu escrever-me, aos tios, a toda a família e espero cartas em breve. Não deixem de as franquear... não me ofenderei!!

Teu filho que te quer, Jules Verne

¹ Louis-Eugène Cavaignac (15 de Outubro de 1802 - 28 de Outubro de 1857). General francês. Segundo filho de Jean-Baptiste Cavaignac. Nasceu em Paris. Tomou parte na revolução de 1848